



GT 36. Espiritualidades, pluralismo e saúde

Coordenador(es):

Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 2

Debatedor/a: Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 3

Debatedor/a: Nicolas Viotti (CONICET)

A relação entre espiritualidade e saúde é recorrente nas práticas e experiências das mais diversas cosmologias e tradições religiosas. Discutir esta relação, a partir de aportes teóricos e de contextos empíricos diferenciados, é o objetivo do GT aqui proposto. Neste sentido, esperamos reunir trabalhos que abordem as imbricações entre estes dois campos, tendo como foco as mediações rituais, simbólicas e materiais que concorrem para a produção da experiência do sagrado e os agenciamentos terapêuticos que visam alcançar a cura e o bem-estar físico e mental dos praticantes. Ao centrar nosso olhar nos processos de cura, queremos enfatizar as dimensões materiais e corporais da espiritualidade para além da especificidade das tradições ou cosmologias religiosas em que estes processos acontecem. Ao mesmo tempo, queremos compreender o agenciamento terapêutico como indexador da eficácia da espiritualidade e como referência para a sua legitimação social e sua institucionalização em contextos não religiosos. Ou ainda, como ancoragem para a adesão dos praticantes aos coletivos de práticas de espiritualidade e produção de subjetividades específicas no contexto diversificado do pluralismo religioso. Por fim, entendemos que a realidade plural das terapias associadas à espiritualidade requer uma pluralidade de perspectivas analíticas.

O ensino da saúde e espiritualidade e sua institucionalização em universidades do Brasil

Autoria: María Florencia Chapini (UNICAMP)

O presente work se propõe apresentar análises iniciais sobre a institucionalização da formação de médicos, em particular, e profissionais da saúde em geral, sobre saúde e espiritualidade em universidades federais e estaduais do Brasil. Tal horizonte empírico diz respeito ao interesse da minha pesquisa de mestrado, que examina como vem se desenvolvendo os caminhos de institucionalização dessa expertise que vem crescendo em universidades brasileiras. Conforme dados preliminares com os quais estou me deparando, o caminho traçado na maioria das universidades estudadas para o ensino do tema da espiritualidade começa com as chamadas ligas acadêmicas de saúde e espiritualidade para logo estabelecer, em alguns casos, disciplinas optativas e obrigatórias. Essas ligas estão articuladas a nível regional e nacional através de uma Associação de Ligas Acadêmicas e Grupos de Estudo sobre Saúde e Espiritualidade (AALEGREES). O começo do meu work de campo ocorreu em paralelo com o início da pandemia gerada pela COVID-19, desse modo também pude observar como esse contexto suscitou o interesse dos profissionais da saúde pelo tema da espiritualidade. Assim, tenho acompanhado esse processo por meio de eventos virtuais promovidos pelas referidas ligas acadêmicas, departamentos de medicina ou enfermagem de universidades e associações científicas médicas dedicadas ao tema. Dentre esses eventos, venho identificando nos discursos uma certa 'pedagogia' da



pandemia, uma vez que a perspectiva dos médicos e profissionais de saúde entende o atual contexto como um tempo difícil vivido pela humanidade como um todo. Assim, parte das propostas deles é pensar a pandemia como uma oportunidade para repensar, nos ensinar e melhorar a relação com nós mesmos, com outras pessoas e com o mundo em geral. Por conseguinte, a pandemia é colocada como um momento para fortalecer a espiritualidade dos profissionais da saúde e com isso, melhorar a prática clínica nessa chave da relação da espiritualidade e saúde. A espiritualidade se apresenta como um meio para sairmos melhores tendo assim efeitos positivos na saúde das pessoas mediante diferentes práticas de cuidado de si. Através da sistematização desses dados produzidos em contextos digitais, o work se propõe discutir as seguintes questões: como a pandemia está sendo uma oportunidade para consolidar os caminhos da institucionalização da saúde e espiritualidade? Quais são as concepções de doença e cura e particularmente a doença suscitada pela COVID-19?

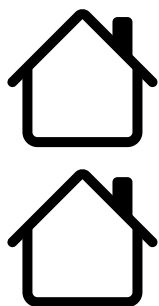
[Trabalho completo](#)



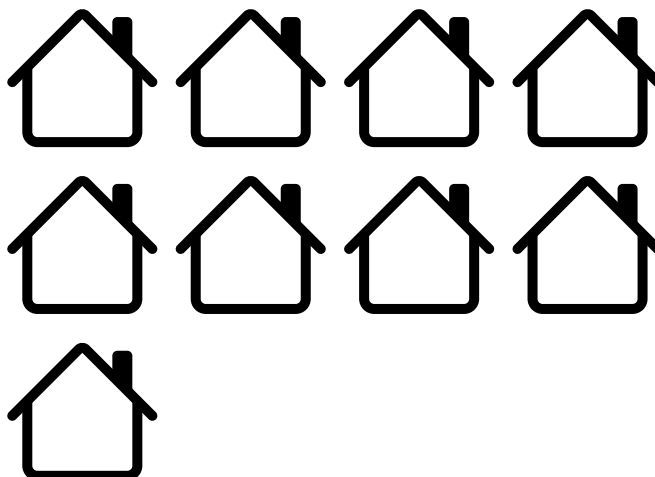
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: